

Verdadeira adoração por JK e por Brasília

Arquivo pessoal

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

“Não assisti ao primeiro réveillon de Brasília por uma questão de cinco minutos”. A afirmação é do pioneiro Newton Egydio Rossi, 76 anos, que chegou a Brasília no quinto minuto de 1960. E que ninguém pense que entrar o ano em plena estrada por causa de um carro enguiçado desanimou esse mineiro de Ouro Fino. “Quando chegamos aqui, a decepção por ter perdido o réveillon na cidade em construção passou. Fomos direto dar uma volta por Brasília e quando chegamos à Esplanada dos Ministérios não tivemos dúvida: ajoelhamos e beijamos o chão dessa terra maravilhosa”, conta um emocionado Newton Rossi, que se lembra da surpresa que ele e seus amigos tiveram ao constatar que na madrugada do primeiro dia do ano havia barulho de máquinas trabalhando na cidade.

A emoção, aliás, permeia toda conversa que Rossi tem sobre Brasília. “Essa cidade me orgulha. É uma filha caçula de todos os mineiros”, afirma esse pai de três filhos — dois deles nascidos aqui — e avô de três netos. Mas a emoção fica maior ainda quando as recordações são acerca de um grande amigo, quase irmão. Estamos falando de Juscelino Kubitschek, o presidente que ousou trazer para o Planalto Central a capital do país. “Nos conhecemos quando comecei a fazer campanha

política a favor de JK ao governo de Minas Gerais”, conta Newton, que acabou sendo o responsável pelo *jingle* dessa campanha em plenos anos 50. “Fui o autor da *Canção da Vitória*, a primeira música com letra usada em campanhas políticas no Brasil”, orgulha-se Newton, ressaltando que a canção foi realmente da vitória, pois Juscelino foi eleito governador de Minas Gerais. O prêmio por tanta dedicação veio de uma maneira um

tanto inesperada para o jovem compositor. “Confesso que esperava uma secretaria ou uma chefia de gabinete, mas Juscelino me delegou a tarefa de dirigir a rádio e o jornal que ele mantinha em Diamantina”, conta aos risos. A tarefa foi cumprida com louvor e afincos, sinal que a parceria dos dois estava apenas começando.

Ainda na campanha presidencial, Newton Rossi foi um dos responsáveis pela vitória de Juscelino. “A oposição inventou de últi-

ma hora uma cédula de votação desvantajosa para os analfabetos, eleitores de JK em sua maioria. Tivemos que, às pressas, criar cédulas explicativas com desenhos de mãos mostrando onde o eleitor deveria marcar seu voto”, diz o aposentado. Quando JK foi eleito presidente, a Newton coube ficar no Palácio do Catete e, no último ano de governo, no Palácio do Planalto, sendo o responsável pelo atendimento aos parlamentares e aos institutos. A pasta em que

guardava os documentos que despachava com Juscelino todos os dias ainda existe e está guardada, como uma relíquia, com Newton.



COM O FIM DO GOVERNO JK, NEWTON FOI PARA A INICIATIVA PRIVADA. ABRIU A CIBRAL, SEGUNDA LOJA DE ELETRODOMÉSTICOS DA CIDADE

Responsável pelo jingle da campanha de JK ao governo de Minas, Newton acabou ficando amigo do futuro presidente e depois da vitória trabalhou nos palácios do Catete e do Planalto

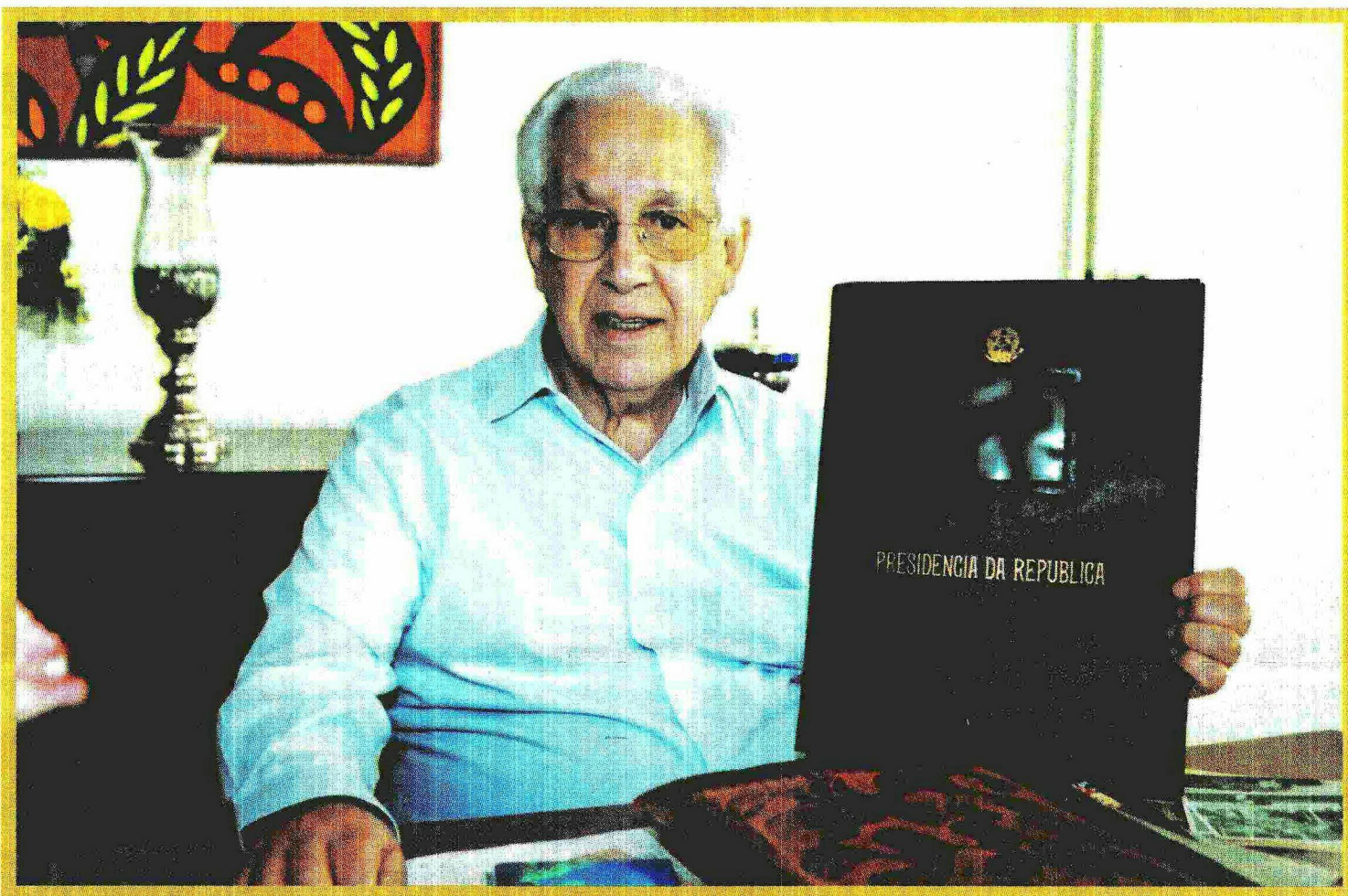
**NEWTON TEM, ATÉ
HOJE, A PASTA
ONDE GUARDAVA
OS DOCUMENTOS
QUE DESPACHAVA
COM JUSCELINO**

Ele também era um dos 18 responsáveis por escrever os discursos de JK, mas o escritor conta que “Juscelino lia antes o nosso discurso e se iluminava para falar de improviso nas ocasiões”.

A amizade dos dois foi posta em xeque algumas vezes. Talvez na mais contundente delas, nem mesmo Newton achou que ia se livrar. “O governo de JK havia terminado e quem era juscelinista estava sendo convidado a depor no SNI (Serviço Nacional de Informação). Fiz o de praxe: me despedi da família e compareci ao depoimento”, afirma. Perguntado várias vezes se era amigo de Juscelino, Newton fez questão de em cada uma delas reafirmar seu apreço e admiração pelo fundador de Brasília. O resultado é que ele foi liberado e prontamente convidado a participar de expedições internacionais de outros governos, mesmo sendo eles de oposição a JK. “Ficaram impressionados com minha honestidade e minha lealdade”, orgulha-se.

Em várias dessas viagens, Newton fazia discursos e conquistava platéias com seu jeito apaixonando de falar. Foi dessa maneira e, claro, com boas idéias que ele se tornou o primeiro — e até agora único — brasileiro a ter o título de Senador Honorário dos EUA pelo estado de Lousiana. Só para citar mais uma condecoração recebida por este pioneiro, ele é um dos três brasileiros que receberam a medalha do mérito espanhol.

Terminado o governo de Juscelino Kubitschek e tendo sido eleito o candidato da oposição, Jânio Quadros, Newton se viu entre a cruz e a espada. “Sabia que não havia mais lugar para mim no governo e eu me via apaixonado pela cidade. Não sairia daqui por nada”, lembra. O jeito foi arregaçar as mangas e ir à lu-



“**QUANDO
CHEGAMOS À
ESPLANADA
DOS MINISTÉRIOS
NÃO TIVEMOS
DÚVIDA:
AJOELHAMOS E
BEIJAMOS O
CHÃO DESSA
TERRA
MARAVILHOSA**”

ta. Dessa forma, Newton inaugurou a Cibral, a segunda loja de eletrodomésticos da cidade, que funcionou durante dez anos na W3 Sul. Só que Newton não sabia ainda de uma coisa: o mero pretexto para continuar na cidade por quem ele era — ainda é — apaixonado virou assunto sério. “Logo depois da Cibral, me vi fundando a Associação do Comércio do DF e, um pouco depois, a Federação do Comércio do DF, que presidi por 25 anos”, conta. Como presidente da Fecomércio, Newton fez “as relações comerciais da cidade avançarem tanto para o lado do empregado como para o do empregador” e teve uma batalha durante 11 anos para trazer do Rio de Janeiro para a nova capital do país a sede do Tribunal Superior do Trabalho. Quando ele conseguiu, lhe foi oferecida uma vaga de juiz, prontamente negada. “Não achava justo. Ia parecer que minha luta era mais por vai-

dade do que por idealismo”, argumenta. Somente anos mais tarde, Newton Rossi ocupou durante dois anos a vaga de ministro classista do TST.

Mais de 40 anos depois, a dúvida de 1960 virou uma certeza. “Fiz a escolha certa ao não sair daqui e faria essa escolha de novo se me fosse dada oportunidade. Brasília é um projeto que deu certo”, afirma, mais uma vez, sem esconder a emoção, esse senhor que chegou ainda jovem a Brasília e viu toda uma geração da cidade nascer. “A juventude de Brasília me orgulha muito. São jovens que, por causa da miscigenação de cidades e países encontrada aqui, crescem de uma maneira arrojada, com um raciocínio mais rápido e com muita certeza de seus ideais”. A frase de um dos fundadores do Clube de Pioneiros de Brasília, naturalmente, é dita com lágrimas nos olhos. Lágrimas de felicidade e orgulho.

Raio X

Nome: Newton Egydio Rossi
Idade: 76 anos
Origem: Ouro Fino, Minas Gerais
Profissão: aposentado
Esposa: Ninon Rossi
Filhos: Wagner, Márcia e Gleno
Netos: Felipe, Rafael e Priscila
Ano que chegou a Brasília: 1960